

Relato de experiência

Submetido em 29 set 2025

Avaliado em 31 out 2025

Aprovado em 26 nov 2025

Literatura em Rede: jovens transformando a leitura com auxílio da tecnologia

Connected Literature: Young people transforming reading through technology

Paula Renata Lucas Collares Ramis¹, Isadora Silveira Knecht², Julia Krauzer², Rhayane Goularte²

¹Prof. Dra. Colégio Militar de Santa Maria, ²Aluna Colégio Militar de Santa Maria

E-mail: paulacollares123@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho relata uma experiência inovadora desenvolvida por três alunas de uma escola pública de Santa Maria (RS) que, motivadas pelo interesse comum pela leitura, tiveram o objetivo de fomentar a formação de uma comunidade leitora no ambiente escolar. O projeto, ainda em fase de testes, buscou promover o prazer pela leitura literária, integrar tecnologias digitais para o compartilhamento de experiências e fortalecer o protagonismo juvenil por meio da mediação entre leitores. O problema investigado surgiu a partir da constatação de que a literatura ocupa um espaço marginal nas escolas, muitas vezes sendo abordada de forma instrumental e descontextualizada, sem estimular o engajamento crítico ou o prazer da leitura. Identificou-se, ainda, a dificuldade de aproximar os livros obrigatórios do universo juvenil e a necessidade de repensar metodologias que tornem a leitura literária uma prática cultural significativa e colaborativa. As considerações finais indicam que iniciativas como círculos de leitura mediados por alunos, aliados ao uso criativo de tecnologias digitais, podem transformar a relação dos estudantes com a literatura. A experiência mostrou que a mediação da leitura fortalece a autonomia, o protagonismo juvenil e a aprendizagem colaborativa, promovendo a construção coletiva de sentidos.

Palavras-chave: Escola; Literatura; Leitura.

ABSTRACT: This work reports on an innovative experience developed by three students from a public school in Santa Maria (RS), Brazil, who, motivated by a shared interest in reading, aimed to foster the formation of a reading community within the school environment. The project, still in the testing phase, sought to promote the enjoyment of literary reading, integrate digital technologies for sharing experiences, and strengthen youth empowerment through mediation among readers. The problem investigated arose from the observation that literature occupies a marginal space in schools, often being approached in an instrumental and decontextualized way, without stimulating critical engagement or the pleasure of reading. Furthermore, the difficulty of connecting mandatory reading books to the youth universe and the need to rethink methodologies that make literary reading a meaningful and collaborative cultural practice were identified. The final considerations indicate that initiatives such as student-mediated reading circles, combined with the creative use of digital technologies, can transform students' relationship with literature. Experience has shown that mediated reading strengthens autonomy, youth empowerment, and collaborative learning, promoting the collective construction of meaning.

Keywords: School; Literature; Reading.

Introdução

A literatura desempenha um papel essencial na formação humana, proporcionando não apenas conhecimento, mas experiências estéticas e reflexivas que contribuem para a construção da identidade individual e coletiva. Entretanto, a literatura em sala de aula ainda enfrenta desafios estruturais e metodológicos que dificultam a formação de leitores críticos, engajados e conscientes,

evidenciando a necessidade de experiências inovadoras que integrem prazer, mediação e tecnologia no processo de aprendizagem.

Muitos professores, de diversas instituições escolares, relatam que a leitura ainda ocupa um espaço pequeno nas aulas de língua portuguesa. Um dos entraves mais significativos no ensino de literatura no âmbito do ensino médio integrado reside na limitada inserção do texto literário na matriz curricular da disciplina de Língua Portuguesa. Observa-se que a literatura não é concebida como um componente curricular autônomo, mas sim como um segmento marginal dentro de uma disciplina mais ampla, a qual privilegia, de maneira mais evidente, os conteúdos gramaticais e de produção textual. Ainda que os planos de ensino contemplem, de forma obrigatória, a presença de conteúdos literários, inexistem parâmetros normativos específicos que orientem sua abordagem pedagógica. Diante disso, a definição de estratégias, metodologias e cronogramas para o trabalho com a literatura recai sobre a coordenação pedagógica e os docentes, o que pode comprometer a sistematização e a efetividade desse ensino.

O professor não pode ignorar esse cenário e precisa de forma urgente repensar o ensino da literatura. Certamente, a incorporação das tecnologias digitais ao ensino de literatura representa uma oportunidade significativa para ampliar o acesso, a interação e o engajamento dos estudantes com o texto literário. Recursos como plataformas virtuais de leitura, aplicativos interativos e espaços colaborativos online permitem que a experiência literária ultrapasse os limites físicos da sala de aula, promovendo novas formas de mediação e compartilhamento de sentidos. Ao integrar a literatura ao universo digital, o professor cria pontes entre a tradição literária e as práticas culturais contemporâneas, tornando a leitura mais próxima, dinâmica e significativa. Dessa forma, a tecnologia não substitui o livro, mas potencializa sua presença, favorecendo a construção de uma comunidade leitora crítica, criativa e conectada com as múltiplas linguagens do mundo atual.

Não há dúvida de que a literatura é extremamente importante na formação humana. Em um de seus ensaios, o crítico Umberto Eco reflete sobre a função dessa arte e aborda justamente essa questão: afinal, para que serve esse bem imaterial? Segundo o autor,

bastaria responder, como já fiz, que é um bem que se consuma gratia sui, e portanto não deve servir para nada. Mas uma visão assim desencarnada do prazer literário corre o risco de reduzir a literatura ao *jogging* ou à prática de palavras cruzadas – os quais, além do mais, servem ambos para alguma coisa, ora à saúde do corpo, ora à educação léxica (ECO, 2003, p. 10).

Com isso, Eco sugere que a literatura, embora não tenha uma utilidade prática imediata, transcende sua gratuidade estética, assumindo um papel formador e transformador na experiência humana. Na mesma perspectiva, Cosson (2011) fala sobre o sentimento de pertencimento que o texto literário nos proporciona. Para ele, é

na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais do que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2011, p. 17).

Infelizmente, sabemos que no espaço escolar a literatura ainda ocupa um lugar subalterno. Daniel Pennac, autor francês, mostra como, nos primeiros anos de vida, as histórias representam para a criança uma fonte de prazer, aventura e até mesmo um certo gesto de subversão.

Sejamos justos. Nós não havíamos pensado, logo no começo, em impor a ele a leitura como dever. Havíamos pensado, a princípio, apenas no seu prazer. Os primeiros anos dele nos haviam deixado em estado de graça. O deslumbramento absoluto diante dessa vida nova nos deu uma espécie de inspiração. Para ele, nos transformamos em contador de histórias. Desde o seu desabrochar para a linguagem, nós lhe contamos histórias. E essa era uma aptidão em que desconhecíamos. O prazer dele nos inspirava. A felicidade dele nos dava fôlego (PENNAC, 1993, p. 17).

Com o passar do tempo — especialmente na adolescência — o livro passa a ser visto como “(...) a materialização do tédio” (PENNAC, 1993, p. 23). Onde estaria aquele amor pelos livros? Onde estaria aquele encantamento despertado pelas primeiras histórias? Há algum tempo, atuando como docente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, comecei a me questionar profundamente sobre meu papel na formação de uma educação literária significativa. Sempre procurei explorar as múltiplas potencialidades do texto literário, ampliando o repertório além das obras pré-estabelecidas pela escola e incorporando outras linguagens para enriquecer as experiências de leitura. No entanto, apesar dos meus esforços e de tantos outros colegas, em diversos momentos me perguntei: estou, de fato, contribuindo para a formação de leitores proficientes? Como professores, algumas vezes, esquecemos que toda a leitura, de acordo com Pennac, preside “o prazer de ler” (PENNAC, 1993, p. 43).

Sem dúvida, o desejo de tornar a leitura escolar produtiva esbarra na rigidez de cronogramas que, muitas vezes, parecem desconectados da realidade dos alunos. É comum observarmos um verdadeiro abismo entre as leituras obrigatórias e o universo juvenil. Conforme Maria Amélia Dalvi et al, “ao contrário do ensino de língua — que, aos poucos, vai se renovando —, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos jovens” (DALVI, 2013, p. 9).

Em parte, isso começou a se manifestar no momento em que ocorreu a “didatização ou escolarização da literatura”, e também precisamos levar em conta (...) “a crença de que a literatura não se ensina, basta a simples leitura das obras, como se faz ordinariamente fora da escola” (COSSON, 2011, p. 12). Por diversas vezes, o professor aborda o estudo do texto literário de forma tradicional, partindo da análise técnica de textos, da memorização de conteúdos históricos ou das interpretações padronizadas. Essa resistência compromete o potencial formativo da leitura literária, que poderia ser vivida como uma experiência estética, subjetiva e transformadora. Em vez de promover o encontro do estudante com a linguagem artística, a prática escolar tende a desestimular o prazer da leitura, tratando a literatura como um conteúdo a ser vencido, e não como uma prática cultural viva.

Segundo Pennac, “se a leitura não é um ato de comunicação *imediata*, é certamente um objeto de partilhamento. Mas um partilhamento longamente retardado e violentamente seletivo” (PENNAC, 1993, p. 84). Nesse contexto, iniciativas que ressignifiquem o lugar da literatura na escola, como o projeto aqui relatado, tornam-se essenciais para recuperar o valor do texto literário como instrumento de diálogo, expressão e construção de sentidos. É fundamental reconhecer que, além das transformações sociais pelas quais passamos, o próprio texto literário também mudou. Na era digital, torna-se ainda mais urgente traçar novas rotas para o ensino de literatura, pautadas, sobretudo, na “(...) formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico — capaz de construir sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção (...)” (ROUXEL, 2013, p. 20).

Mesmo tendo que seguir um cronograma escolar pré-definido, busco como ponto de partida as experiências dos alunos enquanto sujeitos leitores. Perspectiva que se aproxima do que propõe Dalvi, ao defender que “(...) a leitura e a vivência ou experiências literárias (dentro e fora do espaço e tempo escolares) sejam distintas do ensino (planejado e sistemático) de literatura” (DALVI, 2013, p. 67-68), na intenção de que “(...) os leitores de literatura de hoje e amanhã refutem e reinventem,

provocativa, criativa e ousadamente, a leitura, a literatura e a escola que se lhes afigura” (DALVI, 2013, p. 69).

Metodologia

De forma inventiva e inovadora, no ano de 2024, através de pesquisa de cunho interventivo, sob minha orientação, três alunas, de 14-15 anos, repensaram a leitura literária no espaço escolar. No início do projeto, as alunas aplicaram um questionário digital aos estudantes do colégio, em sua maioria pertencentes ao 9º ano. As respostas obtidas foram fundamentais para que pudessem delinear o perfil leitor da instituição.

Figura 01: Pergunta 03 utilizada no questionário e a porcentagem das respostas.

Muito dos alunos, que responderam ao questionário, mostraram que acabam lendo mais aqueles livros que não foram apresentados no espaço escolar.

Em média, quantas horas você dedica à leitura, ainda que de textos de livros didáticos, semanalmente?

104 respostas

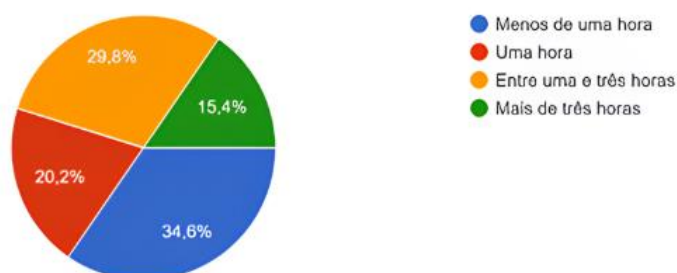


Figura 02: Pergunta 04 utilizada no questionário e porcentagem das respostas.

As respostas encontradas no questionário aplicado corroboraram muito com uma análise realizada pelas professoras e teóricas Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar. As autoras refletiram sobre a importância da adequação das obras literárias aos diferentes estágios de desenvolvimento dos leitores, propondo uma classificação por fases. Os estudantes, com idades entre 14 e 17 anos, encontram-se na quinta fase da leitura, caracterizada pela descoberta do mundo interior e pela consolidação de valores. Nesse momento, o adolescente começa a hierarquizar conceitos e a organizar seu universo simbólico e ético. Para essa faixa etária, leituras que envolvem aventuras intelectuais, viagens, romances históricos e biográficos, histórias de amor, literatura de cunho social e temáticas vinculadas a interesses vocacionais são especialmente indicadas, pois contribuem para a orientação do jovem em sua transição para a vida adulta.

Ainda de acordo com as autoras, nessa etapa, o aluno já apresenta condições de realizar uma leitura crítica, sendo capaz de elaborar juízos de valor e de desenvolver uma percepção estética mais apurada. Sensível às questões sociais, o adolescente começa a se questionar sobre suas possibilidades de atuação no mundo adulto, buscando construir sua identidade individual e social. Essa busca é intensificada pelo exercício constante da leitura, o qual estimula uma postura reflexiva diante dos

textos, permitindo a comparação de ideias, a formulação de conclusões e a tomada de posição diante dos temas abordados. Nesse contexto, obras que tratam de questões sociais e psicológicas tornam-se especialmente significativas, pois favorecem a reflexão e a adoção de posturas consideradas mais autênticas e justas.



Figura 03: Porcentagem das respostas referentes à pergunta 09.

Dessa forma, cabe ao professor, atento à adequação das leituras ao perfil etário e cognitivo dos estudantes, selecionar obras que dialoguem com essas inquietações e interesses. Como afirmam as autoras, "a literatura pode suscitar prazer, porque tem seu fim em si mesma, isto é, funciona como um jogo em torno da linguagem, das ideias e das formas, sem estar subordinada a um objetivo prático imediato" (AGUIAR & BORDINI, 1988, p. 26).

O segundo passo foi, com um auxílio de um profissional, o desenvolvimento de um aplicativo digital com o objetivo de torná-lo uma ferramenta de compartilhamento de leitura e troca de experiências (Figura 4). O aplicativo, intitulado "Lendo no Vagão", encontra-se em fase de desenvolvimento, apresentando um grande potencial para incorporar novas funcionalidades que beneficiarão não apenas os alunos, mas, futuramente, também os professores.



Figura 04: Layout do aplicativo.

As alunas apresentaram o trabalho na Feira de Conhecimento e Inovação do Colégio Militar de Santa Maria e foram selecionadas para representar a instituição em um evento nacional realizado em Brasília (Feira de Ciências do Desafio Global do Conhecimento), que reuniu outros colégios do Sistema (Figura 5). Na ocasião, também foram premiadas, destacando-se pelo mérito de sua produção.

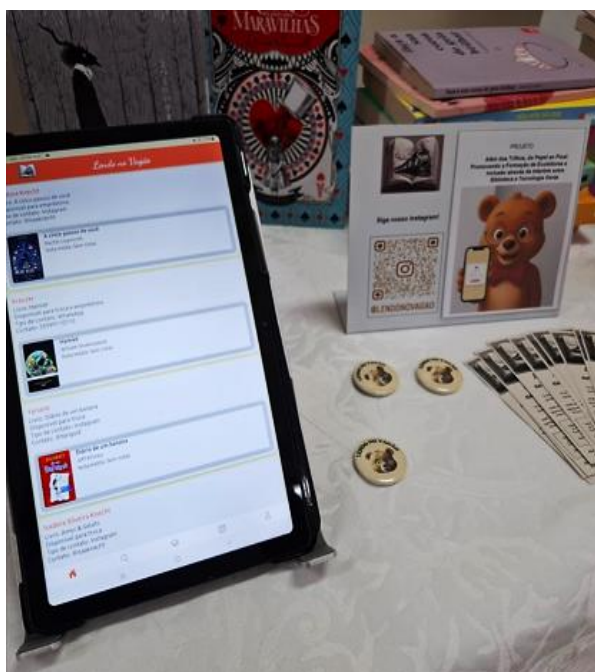


Figura 05: Registro feito durante a apresentação do trabalho, em Brasília, DF.

Em 2025, o projeto teve continuidade e as leituras paradidáticas foram integradas à plataforma, permitindo aos estudantes comentar, avaliar e compartilhar experiências sobre os enredos. Tal dinâmica incentivará o debate e contribuirá significativamente para o desenvolvimento do senso crítico.

A era da informação, com os avanços da internet, revolucionou também o papel das bibliotecas, exigindo a criação de uma nova forma de ter acesso aos livros físicos. Na escassez do tempo, em virtude da vida cada vez mais “corrida”, ninguém mais consegue passar horas nos corredores das bibliotecas escolhendo livros como fazíamos antigamente. A ideia de uma biblioteca digital permite que, do conforto das nossas casas ou em qualquer outro lugar, possamos escolher livros e até reservá-los. Sendo assim, as bibliotecas tradicionais já são consideradas ultrapassadas já que muitas pessoas preferem consultar livros, artigos e outros materiais online. Além disso, as bibliotecas digitais oferecem uma vasta quantidade de conteúdo atualizado, enquanto as físicas podem ter limitações de espaço e de atualização do acervo. Por isso, muitas pessoas veem as bibliotecas tradicionais como um pouco desatualizadas frente às possibilidades que a tecnologia oferece atualmente.

A coexistência de duas bibliotecas — uma física, já existente na escola, e outra virtual, viabilizada por meio do aplicativo “Lendo no Vagão” — representa um avanço em um cenário em que os dispositivos móveis já fazem parte do cotidiano e se consolidam como ferramentas centrais da tecnologia contemporânea, essa integração amplia o acesso à leitura e acompanha as transformações da sociedade moderna.



Figura 06: Atualização do aplicativo em 2025 com os paradidáticos.

Cada vez mais sabemos da importância dos Círculos de leitura na formação de uma comunidade de leitores. Esses espaços promovem um momento efetivo de interação entre leitor e literário – uma prática colaborativa que funciona no ambiente escolar e em outros espaços.

Segundo Cosson,

(...) por meio da leitura, tenho acesso e passo a fazer parte de uma comunidade, ou melhor, das várias comunidades de leitores, porque na leitura nunca estou sozinho, antes acompanhado de outros tantos leitores que junto comigo determinam o que vale a pena ser lido, como deve ser lido e, no seu limite, em que consiste o próprio

ato de ler. A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social (COSSON, 2014, p. 36).

Considerações Finais

Indiscutivelmente, a escola é um lugar privilegiado para a formação de leitores, mas, para que isso aconteça é necessário considerar aspectos como: o desenvolvimento de ferramentas críticas que fortaleçam o leitor, a ampliação do acesso às aulas de literatura e o reconhecimento do valor político e pedagógico dessa prática. Para que a sala de aula se configure como um espaço privilegiado para a formação de leitores, o professor precisa ir além da abordagem meramente instrumental do texto literário, adotando práticas que promovam o engajamento crítico e afetivo dos estudantes com a literatura. Nesse sentido, torna-se fundamental que se desenvolvam atividades que estimulem a interpretação, o debate e a reflexão sobre os sentidos possíveis dos textos. Assim como, a valorização das diversidade de vozes, de diferentes estéticas e de repertórios culturais, ampliando o acesso a obras de diferentes autores, gêneros e contextos.

O reconhecimento do poder político-pedagógico da literatura nos faz compreender que o texto literário não só entretém, mas forma sujeitos críticos e conscientes. Nesse sentido, é fundamental que o trabalho com a leitura literária vá além da decodificação do texto e da busca por respostas objetivas. O ensino da literatura deve promover uma experiência estética, reflexiva e crítica, possibilitando ao estudante construir sentidos próprios a partir de suas vivências e do contato com diferentes vozes e realidades.

A escola, portanto, precisa se constituir como um espaço em que a literatura não seja apenas conteúdo curricular, mas um meio para ampliar a sensibilidade, estimular o pensamento crítico e formar cidadãos mais conscientes de seu papel na sociedade. Para isso, o professor assume um papel central como mediador entre o texto e o leitor, criando estratégias que favoreçam a escuta ativa, o diálogo e a valorização da diversidade de interpretações. Promover o acesso a obras significativas, garantir tempos e espaços para a leitura prazerosa, e respeitar o percurso de cada leitor em formação são práticas que contribuem para uma educação literária verdadeiramente emancipadora.

No caso mencionado, as alunas ocuparam a função de mediadoras, criando na escola, através do aplicativo, a possibilidade de criação de um círculo de leitura. Essa iniciativa evidencia como a mediação da leitura pode ser reinventada por meio das tecnologias digitais, ampliando o acesso e o engajamento dos estudantes com a literatura. O círculo de leitura, nesse formato, transforma-se em um espaço de troca, pertencimento e escuta ativa, no qual os participantes não apenas compartilham interpretações, mas também experiências, memórias e afetos mobilizados pelas obras lidas.

Além disso, a atuação das alunas como mediadoras reforça a ideia de protagonismo estudantil, promovendo uma aprendizagem colaborativa em que os papéis de ensinar e aprender se alternam e se entrelaçam. Essa dinâmica fortalece a autonomia dos leitores em formação e contribui para o desenvolvimento de uma comunidade leitora dentro do ambiente escolar — uma comunidade que valoriza a pluralidade de vozes e a construção coletiva de sentidos.

Dessa forma, em resposta ao problema da pesquisa levantado, percebe-se que a formação de leitores literários na escola depende de uma mediação intencional e criativa, capaz de integrar práticas de leitura significativas, o uso consciente das tecnologias e o estímulo à autonomia e à criticidade dos estudantes. Quando a literatura é tratada como experiência viva, afetiva e reflexiva, ela se torna instrumento de transformação pessoal e social — cumprindo, assim, sua função essencial na formação humana.

Dessa forma, o uso consciente e criativo das tecnologias, aliado a uma mediação sensível e intencional, pode transformar as práticas de leitura e tornar a literatura mais presente, viva e

significativa no cotidiano escolar. Afinal, é na relação afetiva com a leitura que se abre espaço para a transformação pessoal e social, e é justamente esse potencial que deve ser cultivado nas práticas pedagógicas de formação do leitor.

Não basta apenas ler no espaço escolar, nós, como professores e mediadores, precisamos criar situações para que o texto literário se torne significativo, vivenciado e capaz de despertar o prazer, a reflexão e o diálogo entre os leitores, promovendo, assim, uma relação mais profunda e transformadora com a leitura.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor** – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2011.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ECO, Umberto. “Sobre algumas funções da literatura”. In: _____. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. Niterói: EdUFF, 2000.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17–33.